

COMO LER A FILOSOFIA DA MENTE

João de Fernandes Teixeira

EDITORA PAULUS – 2008

CAPÍTULO I

O PROBLEMA DA VACA AMARELA

Sento na minha poltrona de filósofo e penso em estrelas coloridas. Em seguida imagino uma vaca amarela e reclamo para minha esposa que estou sentindo calor. Entretanto, se alguém pudesse abrir o meu cérebro e examiná-lo não veria estrelas coloridas nem uma vaca amarela. Veria apenas neurônios e tempestade elétrica ocorrendo. A observação da atividade elétrica de meu cérebro não permite saber se estou pensando em estrelas coloridas ou numa vaca amarela. Alguém poderia até inferir – a partir de algum tipo de observação do que ocorre no meu cérebro - que estou sentindo calor, mas não saberia dizer se esse calor é maior ou menor do que o calor que ele próprio, o observador, pode estar sentindo.

Sei que estou pensando, mas não tenho condições de observar meus pensamentos. Não tenho como relacionar o que ocorre no meu cérebro com aquilo que ocorre na minha mente, ou seja, não consigo encontrar algum tipo de *tradução* entre sinais elétricos dos neurônios e aquilo que percebo ou sinto como sendo meus pensamentos. Essas estrelas coloridas bem como a vacas amarela, existem apenas *para mim*. Se ninguém mais pode observá-las, posso então dizer que estes são *estados subjetivos*. Estados subjetivos são encontrados na nossa mente, mas não na natureza.

Mas o que é a mente? Não consigo responder essa pergunta, mas o que sei é que, se eu danificar o cérebro de uma pessoa, sua mente será afetada também. Sei também que, se bebermos várias doses de uísque, nossa mente ficará alterada. Deve haver uma relação entre mente e cérebro, entre estados mentais e estados cerebrais. Há uma relação entre mente e corpo ou entre mente e cérebro. Mas que tipo de relação será essa?

Há duas maneiras de pensar sobre esse problema. Uma diz que só existe o cérebro e que a mente é, na verdade, uma ilusão. Outra diz que existem duas coisas, a

mente e o cérebro, e que este apenas abriga a primeira, ou seja, que o cérebro é apenas o hospedeiro biológico da mente. A primeira posição é chamada de monismo materialista ou simplesmente materialismo. A segunda é chamada de dualismo, pois aposta na existência de duas coisas distintas: a mente e a matéria (o cérebro).

O monista acredita que a ciência resolverá o problema das relações entre mente e cérebro. É tudo uma questão de tempo, pois a neurociência avança cada vez mais. Todos os dias aparecem nas revistas notícias acerca da descoberta de novas áreas do cérebro correspondentes a novos tipos de pensamentos e emoções que um dia permitirão comprovar que mente e cérebro são a mesma coisa. Mas as coisas podem não ser tão simples assim.

Consideremos novamente o neurocientista examinando o cérebro para tentar encontrar a vaca amarela. Hoje em dia dispomos de técnicas mais aperfeiçoadas para realizar esse tipo de investigação. Contamos com vários recursos para produzir imagens do cérebro em funcionamento ou mesmo para medir sua atividade elétrica. Um deles é o eletroencefalograma ou EEG. Através dele podemos determinar, durante o sono, quando alguém está sonhando. Mas a dificuldade continua: pelo exame do EEG podemos saber que o indivíduo está sonhando, mas não podemos saber *com o que* ele está sonhando. Da mesma maneira, podemos, pelo exame da atividade química do corpo de uma pessoa, saber se ela está tendo um ataque de fúria, pois haverá mais adrenalina em seu sangue, porém, o resultado do exame não nos permitirá saber *com o que* ou *com quem* a pessoa está enfurecida. Só saberemos se ela nos contar, ou seja, se ela nos fizer um *relato de estados subjetivos*.

A mesma coisa vale para a neuroimagem. Ao examinarmos as áreas ativadas de um cérebro, podemos ter alguns palpites sobre o tipo de pensamento que ocorre à pessoa, mas só poderemos saber com certeza o que ela está pensando se ela nos contar. Para fazer a neuroimagem de alguma atividade mental minha é preciso que eu conte sobre o que estarei pensando, ou que alguém, em algum momento, me diga sobre o que pensar e isso viria sempre na forma de um *relato subjetivo* que precederia o imageamento. É o relato subjetivo que orienta a identificação das imagens - pelo menos quando o imageamento é feito pela primeira vez.

Se eu olhasse para uma neuroimagem do meu próprio cérebro eu não saberia que essa era uma imagem do *meu* cérebro até alguém me contar. A imagem do meu próprio cérebro me é tão estranha quanto a do meu fígado; só sei que aquela é a imagem de meu fígado se alguém me disser ou se eu estiver numa máquina de ultrassom com o

propósito de examiná-lo. O mesmo vale para o meu cérebro. Em outras palavras: a interpretação física de fenômenos mentais não participa de nossas experiências subjetivas; podemos no máximo traçar algumas correlações, mas estas não explicam a *passagem* entre o físico e o subjetivo. Não podemos, *de dentro da nossa mente*, saber o que a produz. Nosso cérebro está tão fora de nós quanto o resto de nosso corpo. Há duas realidades que não se comunicam: de um lado, nossa mente e nossos estados subjetivos, de outro, o cérebro estudado pela neurociência.

O dualista não enfrenta problemas menores. Se mentes não têm nenhuma propriedade material – não têm peso, nem massa, nem localização espacial – como poderíamos supor que nossos pensamentos influenciam nossas ações? Se estados mentais são imateriais, como eles podem afetar nossos comportamentos? Não parece intuitivo que nossos comportamentos sejam, de alguma forma, causados ou guiados por nossas intenções ou desejos? Mas como algo imaterial pode afetar nosso corpo? Como minha intenção ou desejo de levantar e ir abrir a porta poderia causar algo no mundo físico como, por exemplo, meus movimentos musculares?

O dualista não consegue explicar como a mente pode alterar o corpo. Mas isso vale não apenas para a ação como também para disfunções orgânicas. Uma notícia ruim pode aumentar meus batimentos cardíacos ou até me causar uma azia. Uma seqüência de eventos infelizes pode me levar a uma depressão e hoje em dia sabemos que o cérebro dos deprimidos sofre alterações profundas. Ora, como explicar que notícias ruins têm esse poder? Se o monista precisa saber como de cérebros podem emergir mentes, o dualista precisa, por sua vez, saber como estas últimas podem alterar o cérebro e o resto do corpo.

Resta ainda um problema crucial a ser enfrentado por ambos materialistas e dualistas: a consciência. Como o cérebro (ou a matéria) pode produzir o aspecto específico de um pensamento que o torna *consciente*? Que tipo de propriedade ou que tipo de circunstância leva a matéria (o cérebro) a produzir consciência? Serão as leis naturais suficientes para explicar os aspectos específicos que levam à produção da consciência? Será a neuroimagem capaz de detectar diferenças entre áreas cerebrais que correspondem a estados conscientes e as que correspondem a estados não-conscientes? Haveria ainda outras dificuldades, não apenas técnicas. A ciência é produto da nossa consciência, e assim sendo, podemos perguntar até que ponto ela poderia explicar nossa própria consciência sem girar em círculos. Mas parece que até hoje estivemos, de fato, girando em círculos.

Continuar a pensar...

Você acredita que a mente possa alterar o cérebro e o corpo? Que as pessoas possam adoecer por amor ou morrer de desgosto? E como isso seria possível?